

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria:
CIDADE VIVA
INSTITUTO

denominação
Fazenda São Luiz

código
AIII- F19 - Val

localização
Rodovia RJ-151 (Parapeúna, 5º distrito, no sentido de Santa Isabel do Rio Preto)

município
Valença

época de construção
século XX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
pecuária / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

proprietário
particular



fonte: IBGE - Rio Preto



panorâmica da Fazenda São Luiz

coordenador / data **Sônia Rachid – fev 2009**
equipe **José Roberto Mendes e Marcos Vinicius Silva Gomes**
histórico **Roberto Guião de Souza Lima**

revisão
Coordenação técnica do projeto

Seguindo pela rodovia RJ-151, a partir de Parapeúna, 5° distrito de Valença, percorre-se cerca de 10 km até a Fazenda São Luiz, numa estrada sem pavimentação e em estado precário, que ocupa o antigo leito da Estrada de Ferro Central do Brasil, margeando o rio Preto (f01).

Da estrada pode-se ver grande parte do complexo da fazenda, sobressaindo a fachada de fundos da casa-sede, à beira de um lago construído na década de 1980 (f02). Este se estende até a entrada principal, tendo à direita a antiga estação ferroviária de Fernandes Figueira, transformada em escola municipal (f03) e, num platô próximo, a antiga residência abandonada do administrador da estação (f04).

No caminho de acesso, árvores da espécie de *Pinus elliottii* (exótica) e frondosas paineiras nativas, a edificação depredada, onde se lê FAZENDA e LACTICÍNIOS (f05), que funcionou até 1960, a casa do colono (f06) e um



01



02



03



04



05



06

largo com uma rua em paralelepípedo, apresentando em primeiro plano a antiga senzala, o silo e um rancho que servia de serraria (f07).

Da porteira avista-se a lateral esquerda da casa-sede com a piscina e a área de lazer coberta, localizadas próximas a um grande gramado, contornado por canaletas de pedra, onde ficavam os antigos terreiros de secagem de café (f08). Mais ao fundo estão a capela, piquetes e um curral, tendo, à direita, a senzala avarandada, com seus 100 m de comprimento (f09 e f10).

A casa está voltada para a capela e para uma área cimentada, também resquício do terreiro de café. Junto há um extenso e belo pomar de grandes mangueiras, jabuticabeiras, pitangueiras e goiabeiras, além de palmeiras exóticas de coco da Bahia, inapropriadas para o local.

Segundo informações do administrador da fazenda, nascido na localidade, Sr. Sebastião Benedito Delfino, o moinho com roda d'água, demolido em 1960, ficava situado junto ao antigo casarão original, compreendendo um espaço que ia da porteira – com vestígios do embasamento em pedra, evidenciados pelo desnível do terreno (f11) – até a área de lazer. Relembra que o espaço recortado que avança sobre o arrimo de pedra ainda é hoje chamado de “cozinha velha”, pois neste local ficavam as dependências de serviço. O Sr. Sebastião conheceu ainda o piso de tijolo maciço do terreiro de café, não sabendo dizer se era este o original.

A paisagem circundante revela aos fundos da fazenda um belo cenário, composto pelo lago, a estrada e uma grande várzea confrontante com o rio Preto, no sopé dos morros cobertos de pastagem (f12).



07



08



09



10



11



12

Há ainda na propriedade um bosque de *Pinus elliottii* e reflorestamento econômico de eucaliptos, com coberturas esparsas de bambuzais, mata atlântica nativa e primária (f13), possuindo uma fauna diversificada de pássaros e animais silvestres como paca, porco do mato e até a quase extinta jaguatirica.

O jardim fica ao lado do casarão, sob um arvoredo frondoso, com muitas bromélias (f14), palmeiras Rápis, Areca-bambu e forrações de várias espécies de tinhorão, não possuindo mais as definições dos canteiros com topiarias. Um caminho de pedra coberto por forrageiras leva para uma portada, de construção mais recente, porém inacabada (f15).

Edificações de apoio às atividades de pecuária e as baias para equinos ficam numa baixada atrás dos terreiros de café (f16).



13



14



15



16

A casa-sede foi construída no início do século XX, mantendo atualmente estado regular de conservação. Está assentada sobre base de pedra, num terreno em desnível, que proporciona um porão habitável, cujo acesso se faz pela lateral, sob a escada da cozinha, ou pelos fundos. Possui paredes externas pintadas com tinta branca à base d'água e embasamento rugoso frisado, na cor de concreto, apresentando óculos quadrados gradeados (f17). Com arcabouço autônomo, com frechais, madres e barrotes de madeira, paredes e pilares em tijolo maciço, cobertura de ponto elevado com telhas francesas e beiral simples em madeira natural, arrematando todo o telhado (f18).

No casarão assobradado destaca-se, na fachada frontal, o alpendre com cobertura em três águas em telhas francesas, à moda de tacaniça, com pilares de seção quadrada em concreto, piso de ladrilhos hidráulicos, guarda-corpo em balaustrada de cimento armado, pintada em azul, que acompanha o lance único da escada lateral, com nove degraus em pedra lavrada. Sob este alpendre, um pequeno depósito vedado com porta em folha cega de madeira (f19). Excêntrico, este alpendre abriga as duas portas voltadas às salas (f20), mantendo o conjunto sete janelas na fachada frontal, num total de nove vãos.



17



18



19



20

Destaque para a pintura mural de uma embarcação existente na parede entre as portas (f21).

Nas fachadas laterais, as janelas são em sua maioria dos quartos, porém a fachada esquerda tem ainda as bacias do banheiro e da cozinha. Nos fundos, no pavimento superior, janela de um quarto na extremidade esquerda, bacias dos banheiros e janelas de quarto, de serviço e despensa, além de uma varanda entalada com proteção por bandeira envidraçada. No porão há portas para os compartimentos sob um avarandado coberto, ditado pela projeção da varanda superior e, no extremo direito, a moradia do colono, com duas janelas adaptadas. Sobressaindo do corpo do casarão, a parte de serviços apresenta telhado independente, formatando em planta um pequeno "L" (f22).

Os vãos de portas e janelas têm esquadrias externas na cor azul, com vergas retas, mantendo as janelas guilhotinas e caixilhos de vidro pintados de branco, sendo que as folhas externas de venezianas foram retiradas para reforma (f23). As portas da fachada principal possuem duas folhas cegas, almofadadas, com bandeiras em caixilho branco e as portas internas mantêm a bandeira branca, porém com dois vidros e folhas enrelhadas (f24).

Destaque para as portas internas, cujos portais e as faces voltadas para cada aposento são pintados de acordo



21



22



23



24

com a cor que compõe o ambiente (f25). Nos espaços de serviço, as portas de uma folha cega são amarelas, porém, na cozinha, uma janela lateral e a porta para o alpendre são azuis. Banheiros e cozinha têm ventilação por bôsculas de perfil metálico (f26).

A cobertura com telha francesa teve o madeiramento reformado, assim como o forro, que está sendo trocado, prevalecendo no casarão forração de cedrinho envernizado e pintado em branco na varanda, cozinha e banheiro central.

Na copa, banheiro lateral, despensa e quarto de empregado, forração com eucatex. Todo o assoalho é em tabuado de madeira estreita, peroba e canela, entabeirado com capricho (f27). Na cozinha e banheiros há pisos de ladrilhos cerâmicos, azulejos até meia parede e, na varanda, uma bela padronagem no ladrilho hidráulico.

Parte da edificação é contornada por uma calçada em pedra lavrada e, pela lateral direita, pode-se ter acesso ao porão, através de uma área aberta junto aos pilares de sustentação (f28). O porão é dividido em compartimentos, com piso em terra, paredes caiadas de branco e forro determinado pelo assoalho do casarão.

Neste levantamento só foi possível entrar em dois espaços do porão: o primeiro mantém duas janelas de ventilação na lateral e o outro apenas as ventilações dos óculos quadrados. O cômodo sob a cozinha, com banheiro externo e acesso extra sob a escada da cozinha, é utilizado como moradia de colono.

A casa-sede revela internamente um apuro na ornamentação das paredes, com pinturas parietais, sendo os



25



26



27



28

rodapés em massa e os barrados com a pintura em *trompe l'oeil*, imitando mármore e madeira (f29 e f30), complementando com a pintura a seco, de estêncil, mostrando em cada cômodo uma decoração diferenciada com ornamentos de guirlandas, florões, gregas, molduras com volutas, animais com vegetação e paisagens bucólicas, retratando cenários de países estrangeiros (f31 à f 33).

A primeira porta de entrada dá acesso a uma saleta, com dois quartos à esquerda (f34 à f36) e saída para copa,



29



30



31



32



33

comunicando internamente com a sala de visitas, que tem acesso pelo alpendre, pela segunda porta principal (f37). A copa funciona também como um cômodo de distribuição (f38), pois dá acesso a quarto e banheiro à sua esquerda, mantendo duas portas para a sala de jantar, varanda (f39) e saída para as áreas de serviço. Ressalte-se que todos os quartos possuem lavatório.



34



35



36



37



38



39

Foi observada intervenção com a construção de um banheiro junto à sala-de-estar, diminuindo o espaço da varanda.

Há também nova interligação entre dois quartos voltados à fachada lateral direita (f40 e f41).

A senzala foi totalmente refeita na década de 1970 (f42). Paredes de pau-a-pique sobre socos de pedra, chão de terra batida, telhado de capa e bica em duas águas e esquadrias toscas em madeira com verga reta, foram substituídos por alvenaria de tijolo maciço sobre embasamento de concreto, pisos de ladrilhos cerâmicos, cimentados e paralelepípedos e cobertura em três águas. Os esteios dos cunhais e as cercaduras dos vãos em verga reta são de madeira na cor azul (f43).

As instalações dessa antiga senzala foram adaptadas para casa de colono e escritório, este na área junto à entrada da fazenda. Os vãos abertos são utilizados como garagem (f44) e os grandes espaços que se comunicam entre si mantêm uma oficina (f45), um guarda-arreios (f46) e um engenho de café – que funcionou até 1987, conservando



40



41



42



43



44



45

ainda nas paredes externas, as bicas da palha (f47) –, e o último abriga alojamento para trabalhadores, sendo “atravessado” (f48) pela antiga canaleta que conduzia o café (f49).

Ainda hoje é possível acompanhar como era o percurso do café depois da colheita, desde o lajeado no morrote acima (f50), onde o carro de boi jogava os grãos que desciam pela canaleta subterrânea e atravessavam a rua (f51) e a senzala, caindo nas longas canaletas de pedra a céu aberto (f52), que contornavam os terreiros de secagem de café, distribuindo os frutos e separando a água para o esgotamento (f53).

A Capela de São Luiz (f54), construída por volta de 1940, tem na fachada principal porta central com verga ogival e esquadria em duas folhas almofadada, como bandeira de vidros coloridos. No frontão triangular, aberto, há três básculas em ogiva e as três janelas nas laterais mantêm o estilo neo gótico (f55). No fundo da pequena nave, ladeado por dois vãos de acesso a sacristia, um altar centralizado e embutido na parede é emoldurado por caprichoso e singelo trabalho em madeira pintada (f56). Completam a capelinha piso de azulejo cerâmico, forro de eucatex e paredes brancas.

As instalações referentes ao serviço de pecuária e de criação de equinos formam um complexo de edificações de construção mais atual.



46



47



48



49



50



51



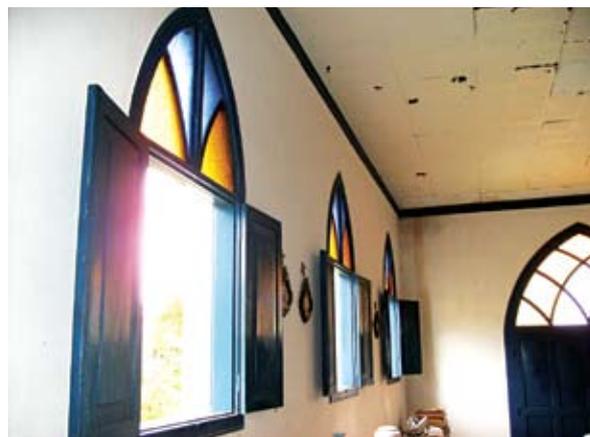
52



53



54



55



56

Na casa-sede, com a reforma dos telhados, observa-se que a nova cobertura do alpendre “soltou” a verga das portas principais, que antes, ficavam sobrepostas pelo madeiramento (f57). A balaustrada tem ferragem exposta, ausência de peitoril, sujidade e limo nas peças (f58).

Alguns caixonetes de portas e janelas estão deteriorados, afetando o emboço com exposição da estrutura, por infiltração descendente, provavelmente pela ausência dos condutores de água pluvial (f59).

No interior, há algumas trincas junto às vergas das portas e janelas (f60).



57



58



59



60

O assoalho, apesar de bem conservado, está sem proteção da madeira. Alguns portais da área de convívio e de serviço mostram o ataque por cupins (f61). As bandeiras da varanda têm apoios improvisados (f62) e a chaminé em desuso abriga um cupinzeiro (f63). Os forros de eucatex, bem danificados, e alguns de cedrinho, vão ser substituídos (f64 e f65).

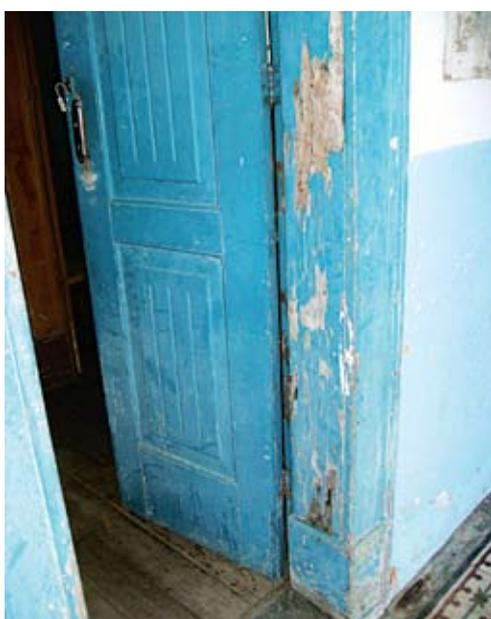
As decorações parietais apresentam áreas com destruição da pintura, como perda de adesão, esbranquiçamento (f66) e infiltração descendente (f67), além disso, reformas pouco criteriosas vem comprometendo as belas pinturas junto ao forro (f68).

No bloco da área de serviços, a umidade compromete a parede estrutural (f69) e, nos porões, há paredes com trincas e alguns barrotes afetados por insetos xilófagos (f70), o que ensejou o reforço de viga por pilastras de concreto (f71). No embasamento externo há manchas de umidade ascendente e vãos de ventilação do porão com caixilhos apodrecidos e sem janelas (f72).

A capela – que abriga, atualmente, móveis e quadros do casarão que está em reforma – apresenta forro danificado com marcas de infiltração descendente (f73), sujeidade e manchas de bolor nas paredes externas.

A edificação da antiga senzala possui apenas algumas esquadrias deterioradas e falhas na cobertura (f74).

O curral que se avista da sede tem o telhado bem comprometido, sendo que as outras edificações rurais estão em bom estado (f75).



61



62



63



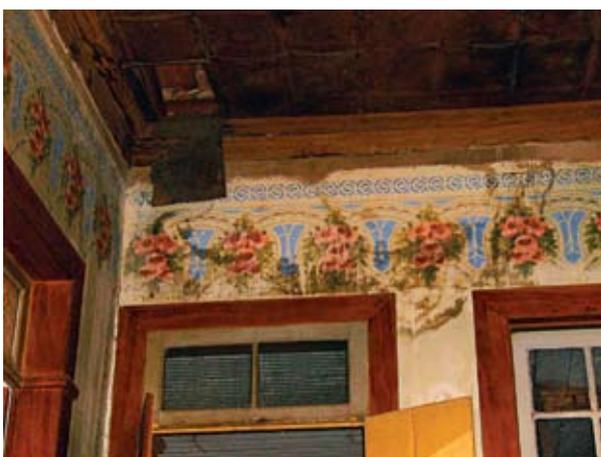
64



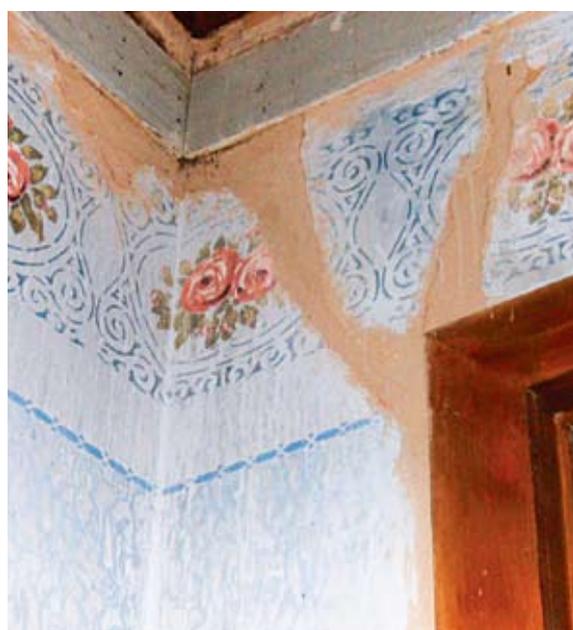
65



66



67



68



69



70



71



72



73



74



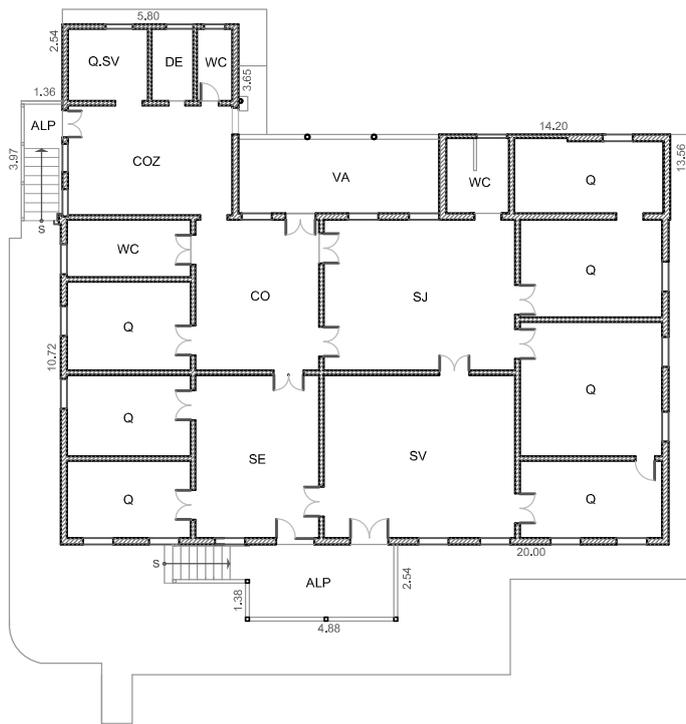
75

FAZENDA SÃO LUIZ

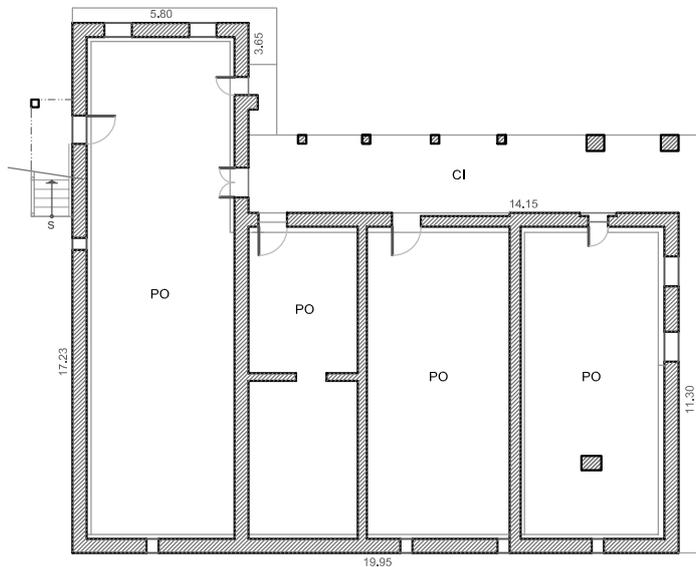


1 Implantação
escala: 1/1750
0 5 10 40

FAZENDA SÃO LUÍS



2 Planta Baixa da Sede - 1º Pavimento
escala: 1/250



1 Planta Baixa da Sede - Porão
escala: 1/250



ALP - alpendre CI - circulação DEP - depósito Q - quarto SE - sala de estar SV - sala de visita alvenaria existente
COZ - cozinha DE² - despensa PO - porão Q.SV - quarto de serviço SJ - sala de jantar WC - banheiro alvenaria demolida

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AIII - F19 - Val

2/2

equipe:

Sonia Mautone Rachid / José Roberto Mendes / Marcos Vinícius

desenhista:

Marcos Vinícius Silva Gomes

revisão:

Francyla Bousquet

data:

fev 2009

A história desta fazenda, situada às margens do rio Preto — importante e histórico tributário do rio Paraíba do Sul que deságua no rio Paraibuna¹ na localidade de mesmo nome — em Parapeúna, distrito de Valença, registra, também, mistérios e lendas.

Segundo informações do historiador e genealogista valenciano Adriano Novaes², o então conde de Valença comprou, em 1839, “¼ de sesmaria em terras de cultura”, de dona Maria Polucena (ou Porcina), na situação denominada Madalena, que teria sido parte da sesmaria original do Taguá, de José Alves Martins, de quem a vendedora era viúva. Tudo indica que estas foram as primeiras terras compradas pelo futuro marquês e que comporiam, futuramente, a Fazenda São Luiz. Em 1855, os marqueses de Valença e o fazendeiro Luiz Gonçalves Carneiro fizeram permuta de alguns alqueires de terras que possuíam na mesma área, possivelmente para ajustar “interesses e conveniências” dos dois em relação às demais terras das suas propriedades. Já em 20/11/1856, para atender a “Lei de Terras”, os marqueses fizeram o “registro paroquial de terras”, no qual declararam a propriedade da Fazenda São Luiz com uma superfície de duas sesmarias de ½ légua em quadra ou 450 alqueires geométricos³, detalharam as origens das terras⁴ e mencionaram os confrontantes, entre eles Carlos Theodoro de Souza Fortes, futuro barão de Santa Clara, dono da Fazenda São Fernando.

As terras de São Luiz têm como testada o rio Preto e Adriano Novaes acha que a casa-sede foi construída nas terras da sesmaria do Taguá, que fica descendo o curso do rio mais perto de Parapeúna. Já a parte da outra sesmaria, que foi adquirida ao vigário Cláudio Mendonça, estaria localizada no lado oposto, contrário às águas do rio, onde hoje é a Fazenda da Glória, vizinha da Fazenda São Fernando.

Vale registrar, para se ter uma visão geográfica da localização das terras dos Ribeiro de Resende, do marquês de Valença⁵, que São Luiz fica a uma distância considerável do feudo principal, a Fazenda das Coroas, também às margens do rio Preto, mas já nas proximidades do limite da antiga freguesia de Santa Tereza, hoje município de Rio das Flores

O historiador Leoni lório menciona que São Luiz pertencia, em 1868, à marquesa de Valença quando ela, já viúva, era também dona da fazenda das Coroas, e o historiador Luiz Damasceno Ferreira diz que esta propriedade já pertencia, em 1898, a uma filha dela, a marquesa de Cambolas⁶.

O nome da estação ferroviária de Fernandes Figueira⁷ — do ramal de Desengano a Santa Rita do Jacutinga (MG), de bitola de 1m (“bitola estreita”), sendo a parte inicial dele a antiga Estrada de Ferro União Valenciana, encampada pela Estrada de Ferro Central do Brasil — cujo nome original era São Luiz foi, ainda segundo Leoni lório, uma “homenagem a Luiz Ribeiro de Souza Resende, barão e depois Marquês de Valença, fundador da fazenda S. Luiz...⁸”.

Na época da visita, em setembro de 1992, a fazenda pertencia a um empresário de Valença tendo pertencido antes a dois empresários de Belo Horizonte (MG), José Dirceu e Heitor Vilela, que lá se dedicaram à criação de cavalos manga-larga.

Na ocasião, a casa-sede⁹, construção de porte razoável, ostentava internamente interessantes pinturas parietais e estava guarnecida com alguns móveis, lustres e objetos de época misturados com contemporâneos nas suas diversas salas e quartos. Com a parte de trás voltada para o leito da estrada e para o rio Preto, a casa fechava o quadrado funcional com o enorme terreiro de café no centro (já cimentado), todo contornado, por sua vez, por longas canaletas de pedra, a céu aberto e/ou subterrâneas, por onde no passado corria a água que não só transportava os grãos para os vários segmentos do terreiro como, através de desvios e comportas, abastecia o lavador e fazia funcionar as “máquinas” do engenho de café. Ainda existia, na época, o fosso onde ficava a roda-d’água (pela esquerda da atual casa-sede para quem a olha de frente) e, entre este local e a casa, altos paredões de pedra — além de trechos com calçamento original com grandes lajes de pedra — que certamente suportavam edificações que, por aquele lado, fechavam o quadrilátero operacional do café.

Os destaques do conjunto, à época, além do mencionado sistema de canaletas, eram:

- A senzala (ver nota 9), extensa construção que fechava todo um lado do quadrado, bem preservada e com visão alteada em relação ao conjunto de edificações da fazenda.
- Um interessante jardim em estilo inglês¹⁰ (um pouco afastado da atual casa e ao lado de um pomar), com vários canteiros circundados por cerca viva baixa (aparada com 20/30 cm de altura), formando desenhos de variados tipos compondo, entretanto, um conjunto harmonioso, com altas palmeiras imperiais aleatoriamente participando do modelo. Interessante, ainda, que o “jardim” que, no todo, formava um grande círculo com um lago no centro, ficava dentro de uma área arborizada como se ela existisse para dar privacidade ao mesmo e/ou isolá-lo das instalações do entorno agrícola produtor de café¹¹.

A fazenda, e aí a razão da advertência inicial, tem fama de mal assombrada por conta, dizem, dos maus tratos aplicados aos escravos na época do café. Assim, ainda segundo informações obtidas no local, poucas são as pessoas que se “atrevem” a dormir na casa-sede e a igreja, nova, que foi construída em um dos cantos do antigo terreiro de café, em frente à casa-sede, teria sido uma tentativa de afastar os “maus espíritos” o que, diziam, não estava dando muito certo.

Nem só de história vive o “Ciclo do Café Vale-paraibano”, que convive com “causos” e “estórias”, para todos os gostos e crenças.

¹O fato do rio Preto, que nasce na Serra do Itatiaia a 2.240 m de altitude, ser afluente do Paraíba (este com 178 km de curso) é matéria controversa, geograficamente falando, entre outros motivos pelo fato do afluente ter maior extensão e, também, pela configuração geológica do encontro entre os dois. O mais importante, todavia, é que o Vale do rio Preto foi importante região cafeeira no século XIX e que este rio, com 198 km de curso, separa, em toda esta extensão, o estado do Rio de Janeiro, cujas terras ficam pela sua margem direita, do de Minas Gerais, com terras pela margem esquerda.

² Base: registros cartoriais de compra e permuta de terras e registro paroquial de terras.

³ Cada sesmaria deste tipo corresponde a um quadrado de terras com 3.300 m de lado, totalizando uma área de 225 alqueires geométricos. Cada alqueire geométrico, ou mineiro, tem uma superfície de 48.400 m², ou 4,84 hectares, cada um com 10.000 m² (cerca de 1,4 campos de futebol de 70 m x 100 m).

⁴ Partes havidas por compra: da sesmaria do Taguá; da sesmaria do vigário Joaquim Cláudio de Mendonça; de terras de dona Maria Polucena (citada no texto) e mais 6,5 alqueires referentes ao saldo obtido na permuta de terras (citada no texto) pois os marqueses deram menos terras do que receberam (citada no texto).

⁵ O barão, conde e depois marquês de Valença (1777–1856), mineiro da região de Lagoa Dourada, emigrou para Valença onde foi dono, entre outras propriedades, da grande fazenda das Coroas, da qual só existem partes do alicerce de pedra. Personalidade destacada no império do Brasil, do seu casamento com Ilídia Mafalda de Souza Queirós nasceram onze filhos (dizem que o marquês legitimou mais outros quatro, nascidos antes do seu casamento), vários deles nobilitados como, por exemplo, Pedro, Estevão e Geraldo, todos Ribeiro de Souza Resende, e Estevão Ribeiro de Resende (o 2º do nome), pela ordem os barões de: Valença (o segundo), Resende, Geraldo de Resende e Lorena, tendo dois deles — o segundo e o terceiro — emigrado depois para o “Oeste” de São Paulo, onde foram plantar café em Piracicaba e Campinas, respectivamente.

⁶ Leoni Lório cita São Luiz quando descreve os limites de um “distrito de subdelegacia de polícia”, na capela de São Sebastião do Rio Bonito, criado em 29 de agosto de 1868. Luiz Damasceno, mencionando um fato de novembro de 1898 — envolvendo uma pessoa que era o administrador da fazenda das Coroas desde 1890 — informa que já naquela época a proprietária desta fazenda era Amélia de Souza Resende, a marquesa de Cambolas, por casamento com o marquês, francês, deste título, segundo Dalmiro da Motta Buys de Barros.

⁷ Km 232,040, tendo a cidade do Rio de Janeiro como referência. Nas estações do interior sempre estavam registradas, dentro de molduras e na parede da plataforma principal, a distância em relação à capital e a altitude, ambas com precisão de metro. A antiga estação, bem conservada e ao lado do acesso à fazenda, em setembro de 1992 abrigava uma escola primária municipal.

⁸ Há aqui um equívoco, pois o barão e depois marquês de Valença foi Estevão Ribeiro de Resende, como o próprio historiador já havia abordado com precisão no mesmo livro, quando descreveu o marquês, suas origens, sua família e a Fazenda das Coroas. Se a homenagem foi a ele, como fundador da fazenda, houve um erro na impressão do nome no texto ou, talvez, como ele morreu em 1856 e a ferrovia veio muito depois, é possível que a homenagem tenha sido feita ao primeiro filho dele com a marquesa, Luiz Ribeiro de Souza Resende, que pode ter herdado a fazenda da mãe.

Este filho, casado com Maria Ambrozina da Motta Teixeira, segundo o genealogista Dalmiro da Motta Buys de Barros, membro desta família, foi dono da fazenda Seropédica, que produzia seda pura, no atual município desse nome no Rio de Janeiro. Segundo o historiador Adriano Novaes, há informações de que o interesse do casal Luiz e Maria Ambrozina pela cultura do bicho-da-seda se manifestou ainda na época deles na Fazenda São Luiz e que, quando eles compraram as terras de Seropédica, lá incrementaram suas pesquisas e desenvolveram a cultura a ponto de alcançar fama no Brasil e no exterior nessa atividade.

⁹ Informações obtidas durante o trabalho de campo realizado para o atual “Inventário” dão conta que esta casa-sede foi construída no início do século XX pois a original, já arruinada, foi demolida em 1960. O mesmo trabalho registrou também as intervenções feitas na senzala na década de 1970.

¹⁰ No local as pessoas diziam jardim estilo “francês”. Na verdade, segundo os especialistas, o estilo é inglês e foi importado e “transformado” na França para “francês”. Quando transplantado para o Brasil no império, o estilo aqui chegava com essa nova “nacionalidade”, pois tudo o que era chique e “culturalmente correto” era francês.

¹¹ O autor já visitou — e/ou tem informações de terceiros — nos 30 em anos que pesquisa a história do café Vale-paraibano e da sua gente, algo em torno de 800 fazendas e não se recorda de ter visto um jardim, antigo, com essas características.

FONTES:

- CEPA – Centro de Extensão e Produção Agropecuária, ligado à FAA de Valença (RJ). *Rio Preto, recursos e necessidades*. Valença: 1992.

- Ferreira, Luiz Damasceno. *História de Valença: 1803–1924*. Valença: Edição dos filhos do autor, 2ª edição, 1978.

- Lório, Leoni. *Valença de ontem e de hoje: 1789–1852*. Valença: Editora Jornal de Valença, 1ª edição, 1953.

- Lamego, Alberto Ribeiro. *O homem e a serra*. Rio de Janeiro: IBGE 1950.

- Lima, Roberto Guião de Souza Lima. *ARQUIVO RGSL*. Volta Redonda: 1979–2009.

- Novaes, Adriano. *Registros cartoriais de compra e permuta de terras (1839 e 1855) e registro paroquial de terras da Fazenda São Luiz (1856), feitos pelo marquês de Valença*. Valença: 2009.

- Rezende, Oswaldo. *Genealogia dos Resende*. 1974.